

Ontogênese da percepção na filosofia de Gilbert Simondon

Danilo Augusto Santos Melo¹

Israel Carvalho Tebet²

Resumo: O presente artigo busca compreender os processos de gênese e transformação das faculdades de perceber a partir dos principais conceitos do projeto ontogenético de Gilbert Simondon: metaestabilidade, transdução, afetividade e domínio transindividual. Nesta perspectiva, propõe estudar os processos perceptivos situados sempre na relação do sujeito com o meio físico, biológico e coletivo, considerando nessa relação as condições problemáticas que indicam os estados metaestáveis do sistema sujeito-mundo que apontam para individuações futuras, seguindo uma ética da ontogênese.

Palavras-chave: Percepção. Ontogênese. Gilbert Simondon.

Ontogenesis of perception in Gilbert Simondon's philosophy

Abstract: This paper seeks to understand the processes of genesis and transformation of the faculties of perception from the main concepts of Gilbert Simondon's ontogenetic project: metastability, transduction, affectivity and transindividual domain. From this perspective, it proposes to study the perceptual processes always situated in the relation of the subject with the physical, biological and collective environment, considering in this relation the problematic conditions that indicate the metastable states of the subject-world system that point to future individuations, following an ethics of ontogenesis.

Keywords: Perception. Ontogenesis. Gilbert Simondon.

¹ Bacharel e licenciado em psicologia (UFS), mestre em psicologia (UFF) e doutor em Memória Social pela UNIRIO. Atualmente é professor adjunto na Universidade Federal Fluminense.

² Psicólogo formado pela UFF e mestrando em psicologia pela UFRJ, com pesquisa concentrada nos estudos da percepção e da atenção.

Recebido em: 21/12/2021 – **Aceito em:** 01/04/2022

Ontogênese de la percepción en la filosofía de Gilbert Simondon

Resumen: Este artículo pretende comprender los procesos de génesis y transformación de las facultades de percepción a partir de los principales conceptos del proyecto ontogénico de Gilbert Simondon: metaestabilidad, transducción, afectividad y dominio transindividual. Desde esta perspectiva, se propone estudiar los procesos perceptivos siempre situados en la relación del sujeto con el medio físico, biológico y colectivo, considerando en esta relación las condiciones problemáticas que indican los estados metaestables del sistema sujeto-mundo que apuntan a futuras individuaciones, siguiendo una ética de la ontogénesis.

Palabras clave: Percepción. Ontogénesis. Gilbert Simondon.

Introdução

Pretendemos apresentar neste artigo o problema da percepção a partir da obra “A individuação à luz das noções de forma e informação” do filósofo Gilbert Simondon (2020), ou mais precisamente como o problema da gênese da percepção é aí colocado considerando os principais conceitos de sua filosofia da individuação: metaestabilidade, transdução, afetividade e domínio transindividual. Orientado por uma investigação ontogénica, ou seja, por buscar compreender as condições de emergência dos indivíduos ao invés de partir da ontologia dos seres já individuados³, o filósofo afirma que o processo de individuação da percepção está contido numa permanente relação de tensão entre *uma face individuada* (marcada pelo aparecimento de fases/estruturas/indivíduos) e *uma face potencial* (caracterizada pelo não aparecimento de fases, mas pela energia potencial de diferenciação, ou melhor, pela dimensão *pré-individual*). Desse modo, buscaremos compreender que a individuação da percepção comporta *resoluções parciais* das tensões que a dispara e que é a condição de emergência das unidades perceptivas, seja na relação do indivíduo com o meio

³ Tratamos de maneira mais ampla desta distinção em outro texto (cf. MELO, 2017).

físico e biológico em que está inserido, seja em relação a si mesmo, seja ainda em relação aos outros indivíduos.

Ora, esta maneira de colocar o problema já indica uma novidade epistemológica do pensamento de Simondon em relação à tradição da história da psicologia da percepção. Ao invés de considerar os processos perceptivos a partir de uma primazia da forma em relação à matéria e da categoria de equilíbrio estável, como faz a Psicologia da Forma, o paradigma ontogenético de Simondon aborda a percepção em sua gênese problemática e inventiva⁴. Para isso, compreende que o indivíduo não se reduz à sua dimensão formal e já estruturada, mas comporta uma dimensão energética que responde pelo estatuto temporário da sua atual estrutura ao mesmo tempo que garante a sua modificação. Desse modo, a percepção emerge situada num sistema metaestável, ou melhor, ela é a própria individuação de uma unidade parcial que, além de informar, transforma tanto o indivíduo que percebe quanto o mundo percebido. É nesta direção que vamos inicialmente situar essa maneira de colocar o problema da percepção e buscar desdobrar suas consequências⁵ a partir do paradigma ontogenético.

Metaestabilidade e gênese da percepção

Uma pergunta inaugura a preocupação simondoniana acerca da gênese perceptiva: por que percebemos os objetos exteriores como formas individuais e não como um conjunto difuso de sensações? Ou seja, por que percebemos unidades segregadas umas das outras e como explicar a *segregação das unidades perceptivas*? É a partir dessa interrogação que começamos a tatear em sua obra a resposta ontogenética que Simondon constrói frente ao problema da percepção.

⁴ Para uma maior compreensão da relação entre o pensamento de Simondon e a Psicologia da Forma, ver SIMONDON (2006; 2015) e HEREDIA (2018; 2019).

⁵ Cabe ressaltar que nossa investigação se concentrará nos regimes da individuação psíquica e coletiva, e não em relação à percepção do ser vivo em geral, o que exigiria tratar de problemas mais diversos.

Assim, ao colocar o problema das unidades perceptivas em termos de uma gênese das formas, já observamos uma primeira distinção radical entre a Psicologia da Forma e a perspectiva de Simondon⁶: enquanto a primeira concebe que a unidade é percebida a partir de leis inatas que, no limite, extraem a forma pregnante, isto é, aquela que tende à estabilidade máxima dos elementos percebidos, a compreensão ontogenética simondoniana observará na base da percepção um problema de individuação no qual nenhuma estabilidade última é possível, mas sim a permanência de uma mestaestabilidade. Simondon ainda afirma que a Psicologia da Forma “não estabelece a distinção essencial entre um *conjunto* e um *sistema*” (SIMONDON, 2020, p. 346), isto é, entre “fenômenos de totalidade” caracterizados apenas por sua dimensão estrutural e fenômenos relacionais caracterizados por trocas entre as dimensões estruturais e energéticas. Nesta crítica à Psicologia da Forma, Simondon entende por *conjunto* os elementos que se organizam em torno da estrutura a ser apreendida sob a forma de qualidade; com isso, o conjunto exprime uma qualidade estrutural, uma disposição dos elementos que, apesar de variarem em suas combinações, são apreendidos como totalidades. Ao contrário, o *sistema* abriga em si não apenas elementos, mas, sobretudo, um potencial energético que o torna uma unidade de coesão indeterminada e metaestável impossível de ser totalizada. O diferencial desta unidade que o sistema inaugura reside justamente em sua *atividade relacional de informação*, ou seja, “o que faz a natureza de um sistema é o tipo de informação que ele abriga” (SIMONDON, 2020, p. 346), que não pode ser quantificada abstratamente ou ser confundida com os sinais de informação, mas deve ser tomada como uma operação que mantém a *metaestabilidade* enquanto estado do

⁶ A crítica do filósofo também se estende ao Associacionismo em sua tendência de ver na operação perceptiva um acúmulo de elementos sem coesão (cf. SIMONDON, 2020, p. 345). Vale dizer ainda que a posição crítica de Simondon frente à Psicologia da Forma se mantém ao longo da obra que estamos analisando, porém é possível encontrar uma posição mais conciliadora com esta abordagem em “Fondements de la psychologie contemporaine” de 1956, (SIMONDON, 2015).

sistema. Portanto, um sistema de informação em equilíbrio metaestável é aquele que, pela incessante incompatibilidade entre seus termos, nunca encontrará o esgotamento de sua energia potencial, isto é, uma estabilidade última, e desse modo opera alargando os limites de sua própria estrutura⁷.

Composto por estruturas sempre parciais, o sistema metaestável é a condição de inacabamento do indivíduo: pela inevitável atividade relacional que mantém com o meio, novos problemas emergem e o incita a criar resoluções correspondentes, aportando-lhe assim novas estruturas. Embora o sistema expresse uma exigência de atualização da energia, isto é, de resolução das incompatibilidades, as estruturas resolvidas não provêm de causas teleológicas. O propósito do sistema é manter-se neste equilíbrio pelo qual ele continua seu regime de individuação. Equivale a dizer que, antes das estruturas, o que caracteriza um sistema metaestável é seu momento crítico de tensão potencial que tornará possível a individuação de uma nova unidade coerente, ainda que temporariamente.

É esta unidade, que nos aparece como sendo segregada dos outros objetos exteriores, que é instaurada pela percepção. Ela se constitui como a resolução da tensão presente na relação do sujeito⁸ com o mundo a partir de uma informação incidente que se

⁷ Veremos no próximo tópico que a individuação dos seres físicos tem por característica a atualização dos potenciais energéticos ao ponto em que a amplificação transdutiva encontra uma forma estável. Segundo Simondon, isto se dá pelo fato de que estes indivíduos não são capazes de reter os potenciais em sua estrutura, ou melhor, porque “o indivíduo físico, perpetuamente excentrado, não tem verdadeira interioridade” (SIMONDON, 2020, p. 22). Nos indivíduos vivos, por sua vez, a metaestabilidade é interiorizada e garante uma ampliação dos seus domínios estruturais já que seu potencial energético não se esgota a ponto de alcançar um equilíbrio estável, caracterizando o vivente por sua capacidade de individuações perpetuadas.

⁸ Mais adiante veremos que Simondon faz uma distinção fundamental entre os termos *indivíduo* e *sujeito*, marcando com isso os aspectos *autorregulador* e *transdutivo* da percepção a partir da distinção entre os níveis vital e psicossocial. Por ora, indicamos que no momento em que comenta a gênese resolutive da

exprime enquanto intensidade (SIMONDON, 2010). Desse modo, perceber ultrapassa a apreensão de formas (qualidades estruturais) ou o registro de dados quantitativos (sinais de informação), pois implica a apreensão e a organização das intensidades, isto é, dos sentidos que emergem na relação com o mundo: “O sujeito percebe de maneira a crescer não a quantidade de sinais de informação ou a qualidade de informação, mas a intensidade de informação, o potencial de informação de uma situação” (SIMONDON, 2020, p. 362). Ou seja, o sistema sujeito-mundo é portador de uma dimensão metaestável a partir da qual as múltiplas variações do mundo material se apresentam como incompatibilidades das quais a percepção, na medida em que as resolve em unidades segregativas temporárias, é sua solução.

A relação do sujeito com o mundo se caracteriza por uma tensão que implica uma *polaridade* antes do objeto tomar sua forma. Sujeito e mundo não se reduzem a termos já individuados, mas são polos que expressam uma disparidade entre ordens de grandezas: as múltiplas variações materiais do mundo e as diferentes disposições metaestáveis que o sujeito apresenta operam como conjuntos de forças que, num primeiro momento, se traduzem como incompatibilidades. Neste momento, instaura-se um conflito, uma problemática perceptiva que exige a individuação das unidades segregativas, isto é, a própria *gênese perceptiva*. Enquanto problema de individuação, “a percepção não é a apreensão de uma forma, mas a solução de um conflito, a descoberta de uma compatibilidade, a invenção de uma forma” (SIMONDON, 2020, p. 349).

Sendo assim, a percepção teria sua gênese numa relação de intensidade que informa e transforma tanto o sujeito quanto o mundo, ela “modifica não somente a relação do objeto e do sujeito, mas ainda a estrutura do objeto e do sujeito” (SIMONDON, 2020, p. 349). É a partir do *grau de metaestabilidade* que compõe a relação sujeito-mundo que a percepção nascerá enquanto caráter resolutivo. Num jogo metaestável perpétuo entre incompatibilidades e suas respectivas resoluções, o sujeito se orienta e ajusta sua posição no

percepção Simondon ainda não discrimina tais termos.

mundo. Os diferentes gradientes de cores, graus de luminosidade, níveis olfativos e térmicos que se encontram com as tendências, instintos, inclinações e interesses diversos do corpo, terminam por expressar um problema: diante da indeterminação inerente à metaestabilidade que compõe o sistema sujeito-mundo, a percepção emergirá individuando a unidade perceptiva que melhor responde à integração do sujeito ao mundo. Contudo, essa integração, que é a descoberta de uma compatibilidade, não se reduz à mera adaptação. *A insuficiência da adaptação* como critério para pensar a percepção exprime o caráter inventivo e metaestável do processo de individuação. Dessa maneira, não cabe pensar a percepção exclusivamente a partir daquilo que ela aporta de resolução, pois sua “individuação é anterior à adaptação e não se esgota nela” (SIMONDON, 2020, p. 311). Fazer isto é virar as costas para o estado de conflito que a antecede. Se a gênese da percepção abriga, sobretudo, graus de metaestabilidade, tomar a adaptação como fio condutor exclusivo para explicá-la é um equívoco evidente⁹. Além do mais, “a noção de adaptação é malformada na medida em que supõe a existência dos termos como precedendo a existência da relação” (SIMONDON, 2020, p. 314).

⁹ Se por um lado o biologismo da adaptação supõe o ser vivo e o meio em que está inserido como dimensões já individuadas, por outro a psicologia da percepção adota o princípio de adaptação da biologia do século XIX como critério para pensar os processos psíquicos, o que implica não dar conta da ontogênese da percepção. As noções de adaptação da teoria evolucionista, de boa forma da Psicologia da Forma, e de espaço hodológico da Teoria dos Campos de Kurt Lewin têm em comum a noção de sistema de equilíbrio estável, que “é aquele que alcançou o maior grau de homogeneidade possível [...] no qual nenhuma transformação é possível, já que todos os potenciais estão esgotados: ele é sistema morto” (SIMONDON, 2020, p. 317). De outro modo, é possível correlacionar a adaptação à teoria da individuação de Simondon com a condição de compreender que esta noção supõe um sistema metaestável a partir do qual as compatibilidades descobertas não esgotam os potenciais energéticos do sistema. Nesse contexto metaestável, “a adaptação é uma resolução de grau superior que deve engajar o sujeito como portador de uma nova dimensão” (SIMONDON, 2020, p. 315).

A insuficiência da noção de adaptação para pensar a percepção aponta igualmente à *insuficiência da noção de forma* para pensar a gênese das unidades perceptivas, pois tais noções partem de um estado do ser em equilíbrio estável no qual sujeito, mundo e objetos percebidos são tomados como totalidades já individuadas¹⁰. Neste sentido, Simondon propõe que “*a noção de forma deve ser substituída pela de informação*, a qual supõe a existência de um sistema em estado de equilíbrio metaestável que pode individual-se” (SIMONDON, 2020, p. 33, grifos do autor). A informação é compreendida aqui como uma noção operadora que faz emergir a “*forma significativa*”, isto é, o sentido ou “*significação relacional de uma disparação*” (SIMONDON, 2020, p. 473) que orienta o sujeito dentro de um contexto relacional. Desse modo, podemos afirmar que a informação precede a forma na medida em que intervém como tensão entre dois reais díspares, exigindo a invenção de um sistema de compatibilidade das energias locais e incidentes da qual resulta a significação ou sentido que vai orientar perceptivamente o sujeito num meio. Nos termos de Simondon:

O receptor de informação é uma realidade que possui uma zona mista de interação entre as estruturas ou energias locais e os aportes de energia incidente; se esta zona mista de interação está em relação com a existência de estados metaestáveis, irá conferir à informação incidente sua eficácia, isto é, a capacidade de iniciar transformações no receptor que não se produziriam espontaneamente apenas pelo jogo dos fatores locais (SIMONDON, 2010, p. 160, tradução nossa).

¹⁰ Simondon estende a crítica da noção de forma do modelo hilemórfico para a Teoria da Forma na medida em que a gênese mesma das unidades perceptivas ou boa forma não é pensada, sendo tomadas como totalidades estáveis apreendidas de imediato na experiência perceptiva. Para dar conta da gênese da percepção é preciso seguir o pensamento de Simondon e buscar “substituir a noção de equilíbrio estável pela de equilíbrio metaestável, e a de boa forma pela de informação; o sistema no qual o ser age é um universo de metaestabilidade; a disparação prévia entre os mundos perceptivos devém condição de estrutura e de operação em estado de equilíbrio metaestável” (SIMONDON, 2020, p. 317).

A esta zona mista que o sujeito porta e que expressa uma relação de mediação com seu campo metaestável, colocando-o numa série de estruturações sucessivas que levam a percepção a participar de uma individuação mais ampla, Simondon nomeia de *afetividade*.

As problemáticas afetiva e perceptiva como vias transdutivas da vida psíquica

Todavia, antes de compreender o modo pelo qual Simondon pensa a afetividade, é preciso analisar como emergem os diferentes regimes de individuação – que vão do físico ao biológico e deste último ao psíquico e coletivo – para que possamos compreender a emergência da afetividade e do movimento de integração e diferenciação que a individuação comporta, com diferentes proporções, nos níveis vital e psicossocial.

Em primeiro lugar, é preciso compreender o mundo físico fora de uma perspectiva substancialista no qual a matéria seria caracterizada por uma inércia e simplicidade em sua organização. De outro modo, Simondon (2020, p. 230) estabelece que o mundo material já abriga uma complexidade elevada e contém “sistemas onde existem energias potenciais e relações” que condicionam a individuação dos seres físicos. Enquanto modelo paradigmático, a individuação dos seres físicos é marcada pela relação ativa entre um germe estrutural e uma dimensão material rica em potenciais. O indivíduo físico emerge na medida em que a atualização da energia potencial faz aparecer camadas que marcam seu limite exterior característico. No entanto, a atualização do estado de metaestabilidade que caracteriza a ontogênese dos seres físicos se expressa de maneira instantânea e encerra-se rapidamente, sendo desse modo caracterizada pela *entropia* do sistema. Nesse caso, por exemplo,

um cristal é como a estrutura fixa deixada por um indivíduo que teria vivido um só instante, o de sua formação, ou melhor, da formação do germe cristalino

em torno do qual sucessivas camadas da rede cristalina macroscópica vieram se agregar. A forma que encontramos é apenas o vestígio da individuação que outrora se cumpriu num estado metaestável (SIMONDON, 2020, p. 352).

De outra maneira, o que caracteriza os seres vivos é a *negentropia*, ou seja, a conservação da energia potencial sob a forma de uma ressonância interna que os mantém em estado de metaestabilidade e que faz surgir nestes indivíduos a necessidade de uma regulação com o meio exterior. Se na individuação dos indivíduos físicos a energia potencial se atualizava de modo rápido, vemos que na individuação dos seres vivos este processo é desacelerado, de modo que Simondon não as compreende como sucessivas, mas simultâneas, onde a segunda se insere na primeira suspendendo seu curso e lentificando-a, e assim não permitindo que ela alcance um equilíbrio estável. Neste sentido, Simondon afirma que:

Só há verdadeiro indivíduo num sistema em que se produz um estado metaestável. Se o aparecimento do indivíduo faz desaparecer esse estado metaestável, diminuindo as tensões do sistema no qual ele aparece, o indivíduo devém inteiramente estrutura espacial imóvel e não evolutiva: é o indivíduo físico. Em contrapartida, se esse aparecimento do indivíduo não destrói o potencial de metaestabilidade do sistema, então o indivíduo está vivo e seu equilíbrio é aquele que conserva a metaestabilidade: nesse caso, ele é um equilíbrio dinâmico que supõe, em geral, uma série de novas estruturações sucessivas, sem as quais o equilíbrio de metaestabilidade não poderia ser mantido. [...] O vivente é como um cristal que manteria em torno de si, e na sua relação ao meio, uma permanente metaestabilidade (SIMONDON, 2020, p. 352).

Dessa maneira, pelo não esgotamento da energia potencial, o ser vivo opera e é operado em sua relação com o meio. O que o define como vivo é a capacidade de prolongar sua operação metaestável. Assim, ele não é apenas resultado do processo, mas também agente: “Ele armazena, transforma, reatualiza e exerce o esquema que o constituiu; ele propaga tal esquema ao se individuar” (SIMONDON, 2020, p. 281). Ora, o ser vivo só se define pela propagação do esquema que o constituiu na medida em que se situa num regime de individuação condicionado pela *afetividade*, isto é, num regime que exige uma comunicação permanente entre diferentes ordens de grandeza que lhe permite *individuar* e ser *individuo*: ele modifica sua relação com o meio e modifica a si mesmo, na segregação das unidades perceptivas e na produção de novas estruturas internas. Desse modo, a afetividade, mediação constitutiva do indivíduo vivo, responde por uma ressonância interna na qual a percepção participa resolvendo a disparação entre as energias locais e incidentes, individuando a unidade perceptiva que o orienta no meio segundo um *duplo movimento de integração e diferenciação*.

É importante ressaltar que na individuação vital a afetividade opera em termos de *autorregulação* e, a partir daí, sua relação com a percepção é indireta. Enquanto a *resolução perceptiva* indica a “forma significativa” pela qual o vivo se integra em relação ao meio exterior, sob a forma de ações esboçadas e realizadas, a *afetividade* opera garantindo o grau de metaestabilidade pelo qual, em relação ao seu interior, o vivo se diferencia sob a forma de especializações funcionais – que serão retomadas e reincorporadas em incompatibilidades ulteriores. É nesta direção que Simondon caracteriza o vivente por sua *atividade tropística* (orientação do vivo num mundo polarizado): impulsionado pela incompatibilidade prévia que caracteriza sua relação com o meio, o indivíduo vivo se engaja no *eixo percepção-ação* (resolução das tensões exteriores que o afetam) de modo que alcance um novo sistema de compatibilidade que, no limite, garante a manutenção do seu regime metaestável – assim como, na planta, os movimentos dos caules e das raízes são orientados, respectivamente, pelas percepções da luz e da água.

Em segundo lugar, se a distinção entre os domínios físico e vital expressa a emergência da afetividade em sua dimensão *autorreguladora* e manifesta o grau de metaestabilidade do sistema indivíduo-meio, uma outra distinção, ou melhor, a passagem do domínio vital ao psíquico nos permitirá compreender de que maneira a afetividade, além de integradora, se torna *problematizadora*. Isto só é possível na medida em que, na passagem do vital ao psíquico, observa-se uma *amplificação neotênica*, isto é, uma sobra de energia potencial. Ou seja, a partir de um resto de potenciais pré-individuais que não se atualizam no indivíduo vivo, um outro domínio de individuação emerge: a própria *vida psíquica*. Dito de outro modo, a inserção da afetividade na individuação psíquica implica uma relação profunda com a dimensão pré-individual. Essa sobra de energia faz com que a afetividade implique uma nova nuance no processo de individuação. Se antes, no domínio biológico, a energia se atualizava ao integrar e diferenciar o indivíduo em relação ao meio, agora ela será responsável, em função de sua sobra, por instaurar uma dualidade interna que fará com que a afetividade no psiquismo apareça como problematização e não apenas como resolução integradora. Tal problematização é expressa em termos de uma tensão, uma disparação entre a energia não resolvida e a estrutura já constituída. Neste sentido, Simondon afirma:

A diferença essencial entre a simples vida e o psiquismo consiste em que a afetividade não desempenha o mesmo papel nesses dois modos de existência; na vida, a afetividade tem um valor regulador; ela transmonta as outras funções e assegura essa individuação permanente que é a vida mesma; no psiquismo, a afetividade é transbordada; ela coloca problemas em vez de resolvê-los e deixa não resolvidos os problemas das funções perceptivo-ativas (SIMONDON, 2020, p. 240).

Assim, o psiquismo anuncia não apenas uma estrutura já integrada pela individuação biológica, mas um aspecto

problemático marcado por incompatibilidades na relação que estabelece com sua dimensão potencial ou pré-individual. Em suma, a vida psíquica se define por uma constante inserção do campo potencial em sua atual estrutura individuada: “o apelo à vida psíquica é como uma lentificação do vivente, que o conserva em estado metaestável e tensionado, rico em potenciais” (SIMONDON, 2020, p. 240). Ou seja, se na individuação vital a afetividade *regula* a relação do indivíduo com o meio, integrando-o e diferenciando-o, no psiquismo a afetividade aparece como *disparação permanente*, não apenas do indivíduo ao mundo, mas, sobretudo, do *indivíduo a si mesmo*. Na medida em que a energia potencial transborda as necessidades biológicas, voltando-se contra a própria face já individuada e integrada do indivíduo e exigindo uma nova individuação, o psiquismo emerge e a afetividade marca uma profunda relação de problematização do ser. Por isso, como afirma Simondon (2020), a vida psíquica não se define como unidade interior ou exterior, mas habita uma zona que comunica o interior e o exterior, seu campo potencial e sua estrutura já integrada ao meio. Desse modo, a dimensão pré-individual que não cessa de pressionar a face individuada, integrando e diferenciando o ser psíquico em relação a si mesmo e ao mundo, instaura uma tensão metaestável pela qual o psiquismo irá individuar novas estruturas de si e do meio ao qual está associado.

Se a emergência da vida psíquica tem como condição uma retenção da individuação biológica que implica um aumento da energia potencial, fundando um novo regime de individuação onde a afetividade tem por horizonte não a resolução, mas a criação de novos problemas, então podemos concluir que essa neotenia é *amplificadora*. No limite, essa intensa colocação de problemas exigirá que o ser psíquico ultrapasse a si mesmo, de modo que não é mais somente no nível do ser vivo já individuado que a afetividade irá operar. Nas palavras de Simondon:

A entrada na via da individuação psíquica obriga o ser individuado a se ultrapassar; a problemática psíquica, apelando para a realidade pré-individual,

chega a funções e a estruturas que não acabam no interior dos limites do ser individuado vivo; caso se nomeie indivíduo o organismo vivo, o psíquico chega a uma ordem de realidade transindividual; com efeito, a realidade pré-individual associada aos organismos vivos individuados não está repartida como eles e não recebe limites comparáveis aos dos indivíduos vivos separados; quando essa realidade é apreendida numa nova individuação encetada pelo vivente, ela conserva uma relação de participação que atrela cada ser psíquico aos outros seres psíquicos; o psíquico é transindividual nascente (SIMONDON, 2020, p. 242).

A partir daí, a distinção entre as noções de sujeito e indivíduo que Simondon (2020) descreve explicitamente, marca não apenas a distinção entre os níveis vital e psíquico, mas sobretudo o aspecto transdutivo pelo qual o psiquismo se define como *coletivo nascente*. Isto porque a noção de *indivíduo* se refere apenas a uma parcela do processo de individuação, àquela em que o processo resolve as disparidades afetivas no domínio de suas estruturas funcionais e integradas ao meio. Ao contrário, Simondon compreende o *sujeito* enquanto realidade completa do ser, isto é, que comporta a dimensão pré-individual, a face individuada e o domínio transindividual: “o sujeito não é uma fase do ser oposta à do objeto, mas a unidade condensada e sistematizada das três fases do ser” (SIMONDON, 2020, p. 462). Nesta direção, compreendemos que ao pensar a percepção no domínio biológico, falamos de um *indivíduo perceptivo*; já no domínio psíquico, uma mudança vocabular é exigida: falamos não mais em indivíduo, mas em *sujeito perceptivo* na medida em que, na vida psíquica, as problemáticas afetiva e perceptiva implicam a *inserção* e *orientação* do indivíduo numa individuação mais vasta do que ele a partir dos potenciais que ele abriga: *o domínio transindividual*.

Percepção, emoção e a gênese do domínio transindividual

Na emergência do psiquismo, a incompatibilidade instaurada pela afetividade entre a sobra potencial e a face individuada do sujeito exige a descoberta de uma compatibilidade que o conduz a uma individuação que o ultrapassa. Trata-se da *passagem do psíquico ao coletivo transindividual*. Assim, a emergência da vida psíquica já anuncia a gênese do coletivo: “O ser psíquico, isto é, o ser que cumpre o mais completamente possível as funções de individuação, não limitando a individuação àquela primeira etapa do vital, resolve a disparação de sua problemática interna na medida em que participa da individuação do coletivo” (SIMONDON, 2020, p. 243). Desse modo, a problemática da resolução afetiva é fundamental na medida em que ela condiciona o caráter coletivo do psiquismo: se a afetividade no nível biológico está associada à resolução integrativa no ser individual, na vida psíquica a afetividade faz nascer a realidade transindividual. A individuação psíquica é, portanto, amplificadora no sentido em que vai do pré-individual ao transindividual. Desse modo, “o psiquismo não é nem pura interioridade, nem pura exterioridade, mas permanente diferenciação e integração, segundo um regime de causalidade e de finalidade associadas que chamaremos de transdução” (SIMONDON, 2020, p. 366).

Contudo, podemos questionar: como se opera este movimento de amplificação transdutiva? Ora, vimos que a emergência do psiquismo anuncia uma ressonância interna dos potenciais energéticos com a estrutura já individuada. Energia potencial e estrutura integrada são, entretanto, dimensões que diferem por natureza; a partir disso, a vinculação que a afetividade opera entre essas dimensões vai necessitar de uma carga de mesma natureza potencial para se expressar. Em outras palavras, a disparidade afetiva no psiquismo implica um movimento de relação com outros seres psíquicos naquilo que eles também abrigam de natureza potencial para descobrir uma nova compatibilidade que individua o coletivo e ultrapassa o domínio de sua estrutura já integrada.

Neste sentido, a afetividade exige uma relação de participação com outros sujeitos, e assim como a problemática das variações do mundo material tem na *percepção* sua resolução, a problemática afetiva encontrará seu domínio resolutivo na *emoção*¹¹. Ao emergir das repercussões afetivas portadas por diferentes sujeitos, a emoção expressa “a descoberta de uma ordem superior de compatibilidade, de uma sinergia, de uma resolução por passagem a um nível mais elevado de equilíbrio metaestável” (SIMONDON, 2020, p. 376). Dessa maneira, o coletivo é individuado “na medida em que uma emoção se estrutura; [...] a emoção remete à exterioridade e à interioridade, pois ela não é algo de individuado” (SIMONDON, 2020, p. 468). Enfim, ao fundar a relação de participação afeto-emotiva pela qual os sujeitos portam, compartilham e ressoam sentidos sobre suas disposições para com o mundo, a emoção prefigura a constituição do coletivo.

Portanto, vimos até aqui duas problemáticas que aportam suas respectivas descobertas de compatibilidades: percepção e emoção. Enquanto a última diz respeito às incompatibilidades que a inserção da natureza potencial na face individuada promove, a primeira versa sobre as polaridades de sensação pelas quais o indivíduo é invadido pelo mundo material. Embora uma seja a descoberta de compatibilidade em relação aos problemas que o mundo exterior coloca, e a outra seja uma compatibilidade a partir de problemas evocados na comunicação entre duas ordens díspares de seu próprio ser, as duas unidades emergem como resoluções que integram e amplificam o sistema sujeito-mundo. Contudo, no que se refere à percepção, Simondon, além de concebê-la como invenção de unidade segregada a partir das incompatibilidades emergentes das polaridades exteriores, também a coloca como problema a ser resolvido: é necessário que a unidade perceptiva individuada

¹¹ Ao invés de se reduzir a estados afetivos de prazer e dor, a emoção nasce como uma resolução parcial que informa o “ponto de inserção da pluralidade afetiva em unidade de significação” (SIMONDON, 2020, p. 376). Assim, alegria e tristeza, prazer e dor etc., são apenas categorias tomadas como polaridades de referência nas quais a emoção é inserida para se expressar.

assegure a participação do indivíduo no domínio coletivo através de um campo de ações esboçadas e realizadas, pelo qual ele se orientará no curso das séries sucessivas de equilíbrio metaestável. Desse modo, o problema não é mais resolver as disparidades de sensação em relação ao indivíduo que percebe, mas de fazer com que esta unidade seja capaz de orientar e fornecer ao sujeito *modos de operar e compor* sua posição no transindividual. Assim, segundo Simondon,

a afetividade pode então ser considerada como fundamento da emotividade, assim como a percepção pode ser considerada como fundamento da ação; a emoção é o que, da ação, está voltado para o indivíduo participante do coletivo, enquanto a ação é o que, no mesmo coletivo, exprime o ser individual na atualidade da mediação realizada: ação e emoção são correlativas, mas a ação é a individuação coletiva apreendida do lado do coletivo, em seu aspecto relacional, enquanto a emoção é a mesma individuação do coletivo, apreendida no ser individual enquanto ele participa dessa individuação (SIMONDON, 2020, p. 376).

Dessa maneira, vemos de um lado a emoção resolver a problemática afetiva, no coletivo, a partir da relação que vai do mundo ao sujeito. Do outro, vemos a ação resolver o problema perceptivo, também no coletivo, a partir da relação que vai do sujeito ao mundo, constituído por outros indivíduos (inclusive técnicos¹²). Equivale a dizer que, embora a afetividade e a percepção, enquanto

¹² Embora o indivíduo técnico não tenha sido analisado neste trabalho, é importante marcar que, no domínio transindividual, a gênese da percepção é indissociável de uma mediação instituída com a técnica: assim como o homem íntegro, por seu poder de ação, a máquina a um universo de significação, “a relação ao mundo pode ser fracionada e passar pelo intermédio de vários estágios de simbolização, relação à qual corresponde uma construção técnica que distribui ao longo do mundo demarcações válidas segundo uma percepção pelo intermédio da máquina” (SIMONDON, 2020, p. 542).

problemas, estejam indiretamente relacionadas, pois uma diz respeito ao interior e a outra ao exterior, ação e emoção, enquanto resoluções, aproximam essas duas dimensões problemáticas do indivíduo: “ação e emoção nascem quando o coletivo se individualiza; para o sujeito, o coletivo é a reciprocidade da afetividade e da percepção, reciprocidade que unifica esses dois domínios, cada qual em si mesmo, dando-lhes uma dimensão a mais” (SIMONDON, 2020, p. 377).

Nesta direção, a individualização do coletivo é a operação pela qual estruturas sensório-motoras se aproximam das ressonâncias afetivas que a dimensão pré-individual provoca no indivíduo. Sendo assim, Simondon sugere não pensar a unidade do *ser sujeito* enquanto consciência (conteúdos representados pela identidade da estrutura), nem como inconsciente (sistema psíquico responsável por um encadeamento de atos), mas como uma *subconsciência afeto-emotiva* (relação entre representação e ação, continuidade e descontinuidade). Trata-se de uma camada relacional que condiciona tanto as trocas de sentidos através dos sujeitos, quanto suas inserções em comunidades de ação (modos de operar) – via transdutiva pela qual o indivíduo é atravessado por novas incompatibilidades e se propaga a partir de descobertas de compatibilidades resolutivas. Para Simondon, portanto, “é no nível dos temas afetivo-emotivos, mistos de representação e ação, que se constituem os agrupamentos coletivos” (SIMONDON, 2020, p. 368). Desse modo, a emoção modula a vida psíquica e organiza as significações que emergem das trocas coletivas, criando uma *disposição emotiva* que se caracteriza pela condição metaestável do sujeito em cada situação e que participa da sua autorregulação diante de novas situações perceptivas e afetivas no transindividual (HEREDIA, 2012).

Cabe ainda ressaltar que o coletivo transindividual, ao emergir da carga de realidade pré-individual contida nos seres individuados, não pode ser apreendido como a soma de indivíduos já constituídos, tampouco um campo social anterior que exerce influência sobre o indivíduo. Ele reivindica sua própria ontogênese a partir dos potenciais portados pelos indivíduos, e

nesse sentido a realidade do domínio transindividual “não é nem de origem social, nem de origem individual; ela é depositada no indivíduo, carregada por ele, mas não lhe pertence e não faz parte de seu sistema de ser como indivíduo” (SIMONDON, 2020, p. 451). O transindividual é contemporâneo do processo de individuação e não nasce após a formação dos indivíduos, ou melhor, seu nascimento é a própria condição de individuação do indivíduo. Ele nasce e se transforma através dos indivíduos, ultrapassando-os e fornecendo a estes uma nova realidade transdutiva – modos de operar e produção de sentido. Desse modo, o transindividual é o domínio onde a problemática perceptiva (das polaridades materiais e exteriores) se encontra com o domínio da problemática afetiva (das polaridades subjetivas), formando um domínio mais vasto no qual os psiquismos exercem sua indeterminação e garantindo com isso um movimento perpétuo de autorrenovação da relação do indivíduo consigo mesmo e da sua relação de participação no coletivo.

Conclusão: por uma ética da individuação perpetuada nos estudos da percepção

Esboçaremos, por fim, alguns desdobramentos da filosofia da individuação de Simondon relativos aos processos perceptivos. Inicialmente, devemos considerar a percepção como um processo (vital e psicossocial) que ultrapassa, enquanto resolução e problema, o próprio indivíduo. Como *resolução*, ela é a unidade pela qual emerge a *autorregulação do indivíduo vivo* em relação ao meio a partir da descoberta de compatibilidades entre as energias locais e incidentes – de onde nasce o *indivíduo perceptivo*. Como *problema*, ela aponta para a *transdução do indivíduo psíquico*, sob a forma de ação, em direção à relação de participação com outros indivíduos naquilo que abrigam de pré-individual – de onde nasce o *sujeito perceptivo*.

Desse modo, observamos no regime psíquico de individuação que a gênese da percepção deve ser apreendida na relação recíproca que estabelece com a afetividade: sua unidade

é a relação transdutiva que *informa* um mundo para o sujeito na medida em que o insere num universo de significações descobertas no transindividual. No regime coletivo de individuação, Simondon afirma por sua vez que a percepção, “ao invés de resgatar o objeto do mundo, recorta o mundo segundo categorias que correspondem às classificações da comunidade e estabelece liames de participação afetiva entre os seres segundo essas categorias” (SIMONDON, 2020, p. 543).

Assim, a teoria da percepção construída por Simondon desautoriza qualquer tentativa de reduzir os fenômenos perceptivos às funções individuais pelas quais um indivíduo representaria uma realidade substancialmente individuada. Ao mesmo tempo, não se trata de pensar representações do mundo a partir de sobredeterminações formadas por códigos e acordos sociais. Perceber é individuar uma *imagem* de si e do mundo que não opera a oposição interioridade/exterioridade: ao devir unidade de ação, ela concentra em si a presença do sujeito no coletivo através dos sentidos que orientam sua posição no mundo, assim como a afetividade, fundamento da emoção, comunica o mundo ao sujeito na presença do coletivo, sob forma de significação. Eis a proposição simondoniana acerca da percepção: ela é a operação pela qual, na reciprocidade afetiva, tanto o sujeito que percebe quanto o mundo percebido estabelecem entre si uma emergência intensiva e dinâmica co-incidente¹³, e mesmo que parcialmente resolvidos, o sistema sujeito-mundo segue problemático.

A partir deste modo problemático de pensar o sistema de individuação sujeito-mundo, Simondon nos permite compreender que a recusa ao individualismo metodológico é também uma repulsa ao determinismo social. No limite, portanto, trata-se de rejeitar o substancialismo que busca situar ora o social como anterior ao indivíduo ora o indivíduo como anterior ao social (sociologismo e psicologismo, respectivamente). Pois pensar esta

¹³ Isto é, ora o sujeito metaestável recebe o germe de informação incidente do meio, ora ele opera a incidência de informação sobre o meio metaestável, ambos se estruturando e devindo nessa reciprocidade.

relação sujeito-mundo a partir dos termos extremos da relação (psíquico e social puro) é colocar-se *após* a individuação e tomar os diferentes regimes como domínios fechados de realidade. Ou seja, consiste em ignorar as condições energéticas (afeto-emotivas) que garantem as possibilidades de emergência e modificação do ser psicossocial, apreendendo-o tão somente por sua parte já individuada/estruturada e com isso colocar-se na direção contrária à ontogênese.

Na perspectiva de Simondon, importa “conhecer o indivíduo pela individuação muito mais do que a individuação a partir do indivíduo” (SIMONDON, 2020, p. 16), buscando investigar a *zona limite* entre sujeito e mundo que é fundada pelo transindividual. Isso implica que, num aspecto mais amplo, qualquer estudo do ser nos seus mais diversos modos de estruturação (modos de perceber, agir, pensar, sentir, se conduzir e participar de configurações grupais etc.) deve sempre ter como ponto de partida a compreensão da problemática em que tal ou qual modo está inserido. É, portanto, a partir das condições metaestáveis associadas às estruturas individuadas que se torna possível apreender tanto o encadeamento dos devires que resultaram em tal sistema estrutura-energia, quanto as condições metaestáveis atuais que tornam o ser suscetível a novas individuações.

Dessa maneira, pensar os diferentes modos de ser nos leva ao estudo da ontogênese, isto é, do seu devir. No entanto, é preciso compreender que “o devir não é devir do ser individuado, mas devir de individuação do ser” (SIMONDON, 2020, p. 479-480, grifos do autor). No estudo do devir da individuação dos modos de ser as resoluções estruturantes são perpetuamente renovadas em função das cargas potenciais incorporadas nos novos sistemas emergentes, o que garante seu aspecto amplificante. Contudo, o devir não se caracteriza pela continuidade de uma modificação, mas antes opera por crises que elevam o grau de saturação do sistema em questão exigindo novas descobertas de compatibilidade. Os saltos descontínuos que operam os processos de estruturação e diferenciação do ser indicam o centro temporal por meio do qual a ontogênese deve ser apreendida, isto é, a transdução do ser a partir

do presente: “o devir é o ser como *presente* enquanto ele se defasa atualmente em passado e porvir” (SIMONDON, 2020, p. 479, grifo do autor).

No estudo da gênese da percepção, vimos como Simondon aponta para a insuficiência das noções de adaptação e forma para pensar os processos perceptivos e com isso afasta-se das abordagens substancialistas que predominam na psicologia. Desse modo, o estudo da percepção não deve restringir as condições da ontogênese, mas ao contrário deve sempre manter presente sua relação com as condições energéticas e estruturais que lhe inscreve no devir de um sistema metaestável. Para isso, enfim, Simondon afirma a necessidade de que o conhecimento esteja em relação com uma ética. Nesta perspectiva, portanto,

apreender a ética em sua unidade exige que se acompanhe a ontogênese: a ética é o sentido da individuação, o sentido da sinergia de sucessivas individuações. É o sentido da transdutividade do devir, sentido segundo o qual em cada ato reside ao mesmo tempo o movimento para ir mais longe e o esquema que se integrará a outros esquemas (SIMONDON, 2020, p. 497).

Assim, ao invés de buscar conhecer a percepção através da forma ou reduzi-la a um simples guia da ação adaptativa em um meio tomado como preexistente, Simondon propõe estudar o sentido da individuação perpetuada dos processos perceptivos situados sempre na relação do sujeito com o meio físico, biológico e coletivo, considerando nessa relação as condições problemáticas que indicam os estados metaestáveis do sujeito e do meio, permitindo compreender tanto as resoluções estruturais atuais quanto apreender nas crises o grau de metaestabilidade das cargas potenciais que apontam para individuações futuras.

Referências

HEREDIA, J. M. Los conceptos de afectividad y emoción en la filosofía de Gilbert Simondon. **Revista de Humanidades**, Nº 26, p. 51-75, Julio-Diciembre, 2012.

HEREDIA, J. M. Forma e Individuação: Simondon y la *Gestaltpsychologie*. **Eidos**, Nº 29, p. 366-399, 2018.

HEREDIA, J. M. Sobre la lectura y conceptualización simondoniana de la cibernética. **Tópicos, Revista de Filosofía**, Nº 56, p. 273-310, Enero-Junio, 2019.

MELO, D. Percepção e Ontogênese: modulações transdisciplinares da subjetividade. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 29, Nº 2, p. 103-109, Maio-Ago, 2017.

SIMONDON, G. **Cours sur la perception (1964-1965)**. Paris: Les Éditions de la Transparence, 2006.

SIMONDON, G. L'amplification dans les processus d'information. In: SIMONDON, G. **Communication et Information**. Cours et conférences. Paris: Les Éditions de la Transparence, 2010.

SIMONDON, G. **Cours sur la Psychologie**. Paris: PUF, 2015.

SIMONDON, G. **A individuação à luz das noções de forma e de informação**. Trad. Luís Eduardo Aragon e Guilherme Ivo. São Paulo: Editora 34, 2020.